

# MOUSE ON MARS

Música x

# DIMEN- SIONAL PEOPLE

5 DEZ 2018

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

# VIDA INTELIGENTE EM MARTE

Como se prepara um texto sobre os Mouse On Mars? A dificuldade não está na escrita ou na falta de informação sobre o duo alemão. Bem pelo contrário: como se resume num pequeno texto a biografia de um projeto com quase 25 anos de atividade constante, que editou alguns dos mais criativos álbuns de eletrônica das últimas décadas, que inventou e desenvolveu software e hardware musical, que se desdobrou em colaborações com nomes fundamentais da música, das artes e da tecnologia, que questionou e refletiu sobre os variadíssimos contextos das criações contemporâneas, que aproveitou sempre as novas ideias para iniciar novas revoluções e instigar novos paradigmas? E ainda, paralelamente, a vida musical de Andi Toma e, sobretudo, de Jan St. Werner, fora dos seus Mouse On Mars, é tão rica tanto em duo, num palco ou nos discos, como dentro da teoria e da academia. Por onde se começa então a resumir a biografia dos Mouse On Mars?

Talvez pelo fim, pelo extremo mais próximo de nós, aquele que motivou a sua vinda à Culturgest para mostrar *Dimensional People*, o 11.º álbum de estúdio. Mais uma vez, um disco com o qual procuraram fazer tudo diferente, como se a cada etapa de vida dos Mouse On Mars fosse imperioso reformular tudo, desligar todas as programações, apagar todos os discos rígidos e ficar somente a memória de tudo o que foi feito e aprendido. Deixar exposto apenas o instinto e trabalhar a partir daí.

Uns anos antes, em 2014, *21 Again* foi uma compilação que convidou amigos e cúmplices para a celebração do vigésimo primeiro aniversário – até nas efemérides o mundo Mouse On Mars está ligeiramente desviado do nosso, como se possuíssem uma espécie de norte magnético próprio. As portas abriram-se a um trabalho em regime colaborativo tradicional, em que os convidados que receberam o desafio estavam na lista de contactos do duo. Em *Dimensional People*, há novamente uma grande invasão de colaborações, que parece resultar de alguma coisa que terá funcionado em

*21 Again*, mas olhando à lupa e considerando ter havido um fio condutor dessa experiência que nunca foi efetivamente cortado, entende-se que algo novo quis nascer: a folha voltava a estar branca. O que poderá ser um risco para muitos músicos mais cautelosos, para Andi e Jan este é um processo entusiasmante, ávidos por também eles testemunharem os resultados. Até porque a folha nunca esteve totalmente branca em cima da sua mesa de trabalho: o desenvolvimento com a Sonic Robots estava a dar os primeiros passos e os robôs MIDI precisavam de um teste à altura das suas façanhas percussivas. Ao mesmo tempo, a relação de vários anos com o soberbo ensemble Musikfabrik ofereciam-lhes novas possibilidades de colaboração, depois de terem trabalhado juntos na comemoração dos 25 anos da Filarmónica de Colónia em 2011. A isto tudo, junta-se um par de aplicações musicais para smartphone desenvolvidas pelo duo que ainda não tinham sido convenientemente rodadas. Talvez não seja uma folha de trabalho muito eloquente; chamemos-lhe antes post-its que ilustravam vontades fortes de seguir em determinadas direções.

Bastou por isso a oportunidade, quando próximo do seu estúdio em Berlim começou a ser montado um pequeno festival chamado People, cujo conceito familiar



de programação forçava um contacto regular e muito próximo entre os participantes. O maestro e arranjador alemão André De Ridder era um dos nomes fortes desse alinhamento e amigo de Andi e Jan desde o tempo em fizeram justamente a celebração da Filarmónica de Colónia. O festival, ao ocupar freneticamente os diversos espaços do complexo Funkhaus, levou De Ridder a bater à porta do estúdio dos Mouse On Mars para tentar convencê-los a participar no evento que começava a parecer-se como um vizinho demasiado irrequieto e ruidoso. E se quando não se pode vencê-los, a decisão mais lúcida é juntarmo-nos a eles, de um momento para o outro, o enclave artístico do duo tornou-se uma atração irresistível durante a preparação do festival, criando um ponto de passagem para grande parte dos músicos do cartaz. Dessa experiência resultaram muitos laços inesperados de amizade que se efetivaram em reencontros posteriores. Mas para além da amizade, todos estes músicos entregaram aos Mouse On Mars novas hipóteses de trabalho, novos sons a um projeto que, desde o início, procurou sempre a contaminação pelo novo, inesperado ou surpreendente. Nos meses seguintes, foram aprofundando em sessões de gravação o que tinha acontecido de modo superficial durante a ocupação do



Funkhaus, fornecendo matéria sonora a uma ideia ainda sem um plano coerentemente traçado, mas que oferecia aos dois músicos um sem-número de possibilidades. Contudo, trabalhar com vasta matéria-prima não é novidade no processo dos Mouse On Mars. Talvez agora a história tivesse sido diferente, e algumas das peças fossem completamente inesperadas, ainda assim pegar em todas elas e uni-las com a supercola eletrónica é normal na sua carreira. Andi e Jan decidem por isso rasgar novamente a folha de trabalho e saltar para o abismo, propondo uma espécie de mega-sessão de gravação com todos os intervenientes, humanos e artificiais. Até porque, entretanto, um novo sistema de espacialização de som deixou-os com a óbvia vontade de juntar mais esta tecnologia à vasta lista de ingredientes. Pensada para tornar as modernas salas de espetáculo mais envolventes, os Mouse On Mars viram esta tecnologia como algo importante também para criação, para servir como ferramenta de gravação de estúdio e colar todas as pontas soltas que até aí pareciam sem rumo. O sistema de espacialização resolveu a narrativa, recolocando os sons num mapa físico e sonoro, como uma partitura tridimensional, ajudando *Dimensional People* a ser escrito como um filme dirigido por dois realizadores. Cada músico foi tratado de modo diferente, equiparando-se ao papel de um ator na história: de uns interessava a improvisação, de outros gravaram pequenos pedaços sabendo que seriam reconvertidos em matéria estranha, alguns puderam passear a sua música por todo o espectro da espacialização do estúdio, outros precisaram de ser exatos e meticulosos. Andi e Jan brincaram aos deuses nesta obra em que tiveram o imenso privilégio de manipular uma espécie de simulacro do seu próprio mundo. A música de Mouse On Mars, cada vez mais ampla e abrangente, acomodou dezenas de músicos e criações espontâneas, interagiu com software e robôs, alimentando dois músicos que precisam do caos e da profusão de informação para arquitetar a sua música, torná-la tão imensa quando as influências a que se sujeitaram.

Nesta altura do texto, viajaríamos para o passado de Mouse On Mars e percorreríamos a biografia do duo. Mas, é assim tão importante olharmos para trás quando é sobre o futuro que Andi Toma e Jan St. Werner tanto se interessam? A música deve-lhes muito por tudo aquilo que fizeram nestes quase 25 anos. E tudo começou num concerto de death metal quando se conheceram em Colónia. Ou seja, tal como eles fizeram em 1992 ou em *Dimensional People*, nunca rejeitem um ponto de partida; pensem sempre, isso sim, onde querem chegar.

Altogether, there were roughly fifty musicians and technicians involved in the recording of *Dimensional People*. A long and surprising list that includes such resounding names as Justin Vernon (Bon Iver), Sam Amidon, Zach Condon (Beirut), Aaron and Bryce Dessner (The National), and Spank Rock. They all joined together to provide everything that Mouse On Mars needed to produce one of the most important recordings of their long career, and perhaps their most ambitious album yet. In this work, we can hear a revamped vision of their own essence, reaffirming the limitless potential of their research into different sounds, where nothing seems sacred and everything is liable to aesthetic reconversion. It is in this field of infinite possibilities that we hear Africa mutating in a footwork context, fractal pop in a phantasmagorical environment, a digitalised drumbeat in cybernetic convulsion, mechanical celestial environmentalism or dub wedded to a big band sound, in a work that miraculously unites all of these worlds, turning collision into one of its strong points.

A band with five human members and some obedient robots bring *Dimensional People* onto the stage, showing how this great explosion of ideas can burst forth.

ELETRÓNICA  
Andi Toma  
Jan St. Werner  
Dodo Nkishi

BATERIA  
Andrea Belfi

TROMPETE  
Hilary Jeffery

TÉCNICO DE SOM  
Max Weber-Köhrich

APOIO

 ANTENA 3



Brevemente

# ORQUESTRA CLÁSSICA DO SUL

## CONCERTO DE NATAL

Música x

14 DEZ  
SEX 21:00  
Grande Auditório  
M/6



# ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Música x

## SARAMAGO, NOBEL 1998: MEMORIAL

15 DEZ  
SÁB 19:00  
Grande Auditório  
M/12

Culturgest